

Vicente de Carvalho
(Da Academia Brasileira)

A voz do sino



Editora : "A Cigarra"

*So amigo Cardozo de Almeida
Vicente de Carvalho*

Vicente de Carvalho
(Da Academia Brasileira)

A voz do sino



Editora : "A Cigarra"

À suave memoria
de
Alfonso Arinos



I



arde triste e silencioza
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor de roza
Que vai morrendo em luar...

Ao lonje, a varzea scintila
De uns restos de sol poente;
Mas, por sobre toda a vila
— Do morro a que fica rente
Desce uma sombra tranquila —
E anoitece lentamente.

, Não aparece vid'alma.

Nem rumor da natureza,
Nem éco de voz humana
Perturba a infinita calma,
A solitaria tristeza
Da pobre vila praiana.

Nem se ouve o mar, lonje, e manso.

A tudo, em redor, invade
Um ar de mole descanso. . .

Silencio. . Imobilidade. . .

Como que, interrompida,
A correnteza da vida
Fez neste ponto um remanso.

De subito, rumoreja
Violentamente o ar:
Na torrezinha da igreja
Rompe o sino a badalar.

Ponho-me, atento, a escutal-o:
Que diz, alto e repentino,
Esse bater de um badalo
Num sino?

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Aves, já nenhuma voa :
Dormem ; e vais acordal-as
 Á toa. . .

Vais espantar quanta moça
Ahi pelos arredores
Depois de um dia de roça,
De enxada e de soalheira,
Dedica a tarde ligeira
À tarefas bem melhores :

Pelas discretas beiradas
De alguma fonte ; fiadas
Na proteção pitoresca
De ramajens, folhas, flores ;
Que fazem elas ? Coitadas,
Bebem, nas mãos, agua fresca. . .
Lavam as caras tostadas. .
Ou cuidam dos seus amores. .

Badalo que assim badalas
No sino que assim resoa,
Olha que vais espantal-as
 Á toa. . .

Badafas. E eu que te falo
Não sei e nem imagino
Que pretendes tu, badafas,
A bater, bater no sino.

Talvez convoques á ceia
Pescadores que, lidando,
Nem viram que entardeceu ;
Algum se estendeu na areia
A descansar ; sinão quando,
De çansado adormeceu. . .

Badala-me assim, badala :
Esperta esse dorminhoco ;
Que ou ele, acordando, abala,
Ou fica dormindo — e em troco
Da sua madraçaria,
Chegando á caça atrazado
Alta no fogo apagado
A caldeirada já fria.

Badalo que assim badalas
No sino que assim atroa,
Porque é que tão alto falas
Á toa ?

A andar com menos demora
Talvez tua voz compila
Certo rei dos mandriões
Encarregado em má hora
De, nas trez ruas da vila,
Acender os lampeões. .

Chamas, talvez, ao seu posto.
Quem? Algum camaroeiro
Retardado e mal disposto
A seguir para o pesqueiro?

Badala-lhe que é sol posto,
Que a lua cheia está fóra,
Que, com pequena demora,
Vai a maré a vazar:
Para chegar á costeira
Tem ele uma legua inteira
De caminho a caminhar,
Vencendo-a de combro em combro,
De atoleiro em atoleiro,
Com o remo e o puçá no hombro
E, na mão, o candieiro.

Ruidozo sino da vila !
E é por couzas tão vulgares
Que atroas assim os ares
De uma tarde tão tranquila ?



II



Badalo que assim badalas...

Que voz de repente soa
Acompanhando-te as falas
Á toa?

E' voz de gente que canta...
De gente... E parece tanta...

Da humilde igreja irradia
E para o ceu se alevanta
A reza da Ave, Maria.

As vozes e as badaladas
Confundem-se... Misturadas
No fervor da mesma prece,
Sóhem juntas para o ar
Onde a lua resplandece
E a noite, imensa, parece
Feita do albor do luar.

Sobre a soleira da porta
Da casa pegada á minha,
Vejo sentada a vizinha:
Moça, e bonita. Que importa?

Tem nos braços o filhinho;
Fala-lhe, toda carinho;
Ele ouve; sorri; depois,
Responde-lhe, balbucia...
E, de mãos postas, os dois
Murmuram a **Ave, Maria.**

Ante meus olhos perpassa
Uma visão: imagino
Maria, cheia de graça,
Jesus, louro e pequenino.

Uma tarde cor de roza.
Uma vila assim modesta,
Assim tristonha como esta...
De pescadores, também...
Sobre a planície arenoza
Por onde o Jordão deriva
Pouza a sombra evocativa
Das montanhas de Siãem...

À porta de humilde choça,
Uma mulher. Quem é ela?
É pobre... é joven... é bela...
É a Mãe: comovida, a espaços
O seu sorriso se adoça
O seu olhar se ilumina
Para a figura divina
Do filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla
O ceu e que a terra ensombra,
Como a terra é toda sombra,
Como o ceu é todo luz...
E o filho, enlevado nela,
Em extaze balbucia.
A primeira Ave, Maria
Quem a rezou foi Jesus.

Sigo o meu sonho... Imagino
Que, por todas essas roças
Aonde chega a voz do sino,

A sombra triste das choças
Frouxamente se alumia
Da vela de cêra aceza
Ante uma Virjem Maria
Tendo nos braços Jezus.

É a hora augusta da reza.

Mães, pobres mãis andrajozas
De filhinhos semi-nus,
No chão de terra ajoelhadas,

Dizem couzas misteriozas,
Palavras entrecortadas
De magua que se lastima,
De suplica, e de esperança,

A essa outra Mãe que, lá em cima,
Na gloria do ceu, descansa
Do que passou neste mundo.

Ela que, com o mesmo eterno
Requinte do amor materno,
Sorriu a Jezus criança,
Chorou Jezus moribundo,

la, do alto ceu infinito,
Olha com olhos de Santa
E de Mãe que já sofreu
Tanto coração afflicto
Que se volta para o seu.

Na roça a mizeria é tanta...

Quanta pobre gente, quanta,
Expia o ser mal nascida
Cumprindo a pena da vida
Como pregada a uma cruz;

E, na angustia que a quebranta,
Somente espera e antegoza
A proteção milagroza
Da Virjem Mãi de Jezus !..

Na roça a miseria é tanta. . .

E cada choça sombria
Para o claro ceu levanta
A reza da Ave, Maria.

Não, tu não falas á toa:
Errei, confesso-o. . Perdoa,
Ó sino humilde da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;
Ó sino, que também rézas,
Ó sino, que tanto falas
Á terra, toda asperezas,
Como ao ceu, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo,
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a atendel-o.

Consolador de tristezas !
Semeador de esperanças !

Aqui nestas redondezas
Não ha vida tão bonanças
Nem casebre tão remoto
Onde quanto o sino diz
Não abençoe um devoto,
Não console um infeliz. . .

Por essas varzeas tão ermas
Onde, perdidas e sós,
Ha tantas almas enfermas
De desesperos sem voz,

Onde tanto desdenhado
De Deus, que de certo o olvida,
Vive, até morrer, vergado
Ao pezo da propria vida,

Vais chamar, em altos gritos
Como si fosse a um dever,
Desamparados e affictos
— Para o consolo de crer.

E de cazebre em cazebre
Onde gente, a vida inteira,
Vive de trabalho e febre,
Morre de fome e canseira,

Afirmas á angustia surda
Do mizero tabareu
Que o brejo em que elle chafurda
— É um caminho para o ceu.

A cada pobre praiano
Que, na sua dura lida
De afrontar o largo oceano
Vive de arriscar a vida,

Tu, consoladoramente,
Falas para lhe lembrar
Que ha quem reze por a gente
— E ha ceu por cima do mar. . .

Da mesma igreja alvadia
Evolam-se as badaladas
E a reza da Ave, Maria.

Evolam-se. . . Misturadas,
Sobem juntas para o ar
Onde, palida e sozinha,
Tão alva, que resplandece,
Tão só, que vai a sonhar,
Caminha a lua, caminha,
E o céu, imenso, parece
Feito de sonho e luar.

Humilde sino da vila,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquila;

Não, tu não falas á toa:

Percebo o que ^eá quem falas...

Perdoa !

